

personagem

EX-CAMPEÃ MUNDIAL DE FISCULTURISMO, SOL MENECHINI, NO AUGUE DO SUCESSO, DESCOBRIU QUE ESTAVA COM CÂNCER NO FÍGADO E GRÁVIDA DE GÊMEOS

“Tinha medo de meu filho ter sequelas e eu não estar por perto para cuidar”



Na juventude, o maior desejo de Sol Meneghini era ter independência financeira. O objetivo era sair do sertão de Rodelas, no interior da Bahia, onde vivia com os pais agricultores e três irmãos mais novos, e ajudá-los a construir um futuro mais próspero. Apaixonada por fisiculturismo, encontrou na prática o caminho para alcançar seu sonho. “Comecei a treinar para competições aos 21 anos e passei a competir oficialmente com 22. Eu tinha o *shape* ideal. Quando me tornei atleta, era super-regrada e treinava duas vezes por dia. Minha alimentação se resumia a frango, quase sem sal, legumes, ovo, inhame e peixe”, recorda Sol, hoje com 34 anos. Levando uma vida tão saudável, a possibilidade de ser diagnosticada com câncer não passava pela sua cabeça. Mas aconteceu. Em 2014, no auge da carreira, ela descobriu um tumor maligno no fígado. “Meu mundo caiu”, lembra.

Sol acabara de se inscrever pela segunda vez consecutiva no Arnold Classic (considerada a competição de fisiculturismo mais importante do mundo) que seria realizado no ano seguinte em Ohio, nos Estados Unidos, e também no Brasil. Ao fazer os exames solicitados pela organização do evento, os médicos detectaram um carcinoma hepatocelular (câncer primário do fígado) em fase inicial. Apesar de avós e tios terem morrido em consequência do mesmo tipo de tumor, a ex-atleta se surpreendeu e se assustou. “Eu sentia dores no abdômen, às vezes. Estava perdendo peso e vivia muito cansada, mas achava que era devido aos treinos e à dieta”, conta.

Em apenas dois anos como profissional, Sol já havia participado de várias disputas no Brasil e na Inglaterra e dos campeonatos Mundial e Sul-Americano, bem como conquistado vários títulos, um deles de campeã mundial. Por conta da rotina pesada de treinos e competições, a fisiculturista fazia uso dos hormônios oxandrolona e stanozolol, prescritos por médicos, mas afirma que “de maneira moderada”. “Nada absurdo, que desencadeasse o câncer. Talvez ele já estivesse lá, silencioso, e apareceu depois”, supõe. Após o diagnóstico, a fisiculturista logo começou o tratamento, que constou de oito sessões de quimioterapia no Centro de Oncologia do Hospital de Urgência de Sergipe, em Aracaju, para onde havia se mudado anos antes.

GRAVIDEZ INESPERADA

Quase dois meses após iniciar o tratamento, outra surpresa: a ex-atleta, recém-casada e com planos de viajar com o então marido para as Ilhas Maldivas, descobriu a gravidez. Sol vinha sentindo enjoos dia-



riamente e, mesmo passando pela quimioterapia, achava a situação anormal. Um exame de sangue para confirmar uma possível gestação, pedido pelo médico, deu positivo. “Já não bastasse essa notícia, eu estava esperando gêmeos. Foi um choque! Não imaginava que estava grávida, até porque meu médico disse que isso não seria possível”, conta.

Os profissionais que a acompanhavam no tratamento do câncer sugeriram que ela fizesse um aborto induzido. Sol se negou. “Eles alegavam que os bebês iriam morrer se eu levasse a gravidez adiante, mas optei pelos meus filhos”, diz. Após a decisão, a quimioterapia foi interrompida. “Eram muitas questões ao mesmo tempo. Pensava que ia morrer, ficava lembrando de pessoas que não resistiram ao câncer e como ficaram os filhos que estavam esperando. Depois, passei a me dedicar muito à gestação. Via a mi-

nha barriga crescendo, e isso me deu tanta força que, de certa forma, esqueci um pouco a doença”, lembra.

A luta foi intensa. Sol desenvolveu hipertensão e pré-diabetes. Os gêmeos eram de placentas diferentes, e um deles acabou morrendo ainda no ventre. Abatida, ela decidiu adotar dois cães recém-nascidos como forma de se sentir mais acolhida. Foi assim que o lhasa apso Pingo e o yorkshire Bob entraram em sua vida. “Eles aprontavam todas e não me deixavam dormir, mas me salvaram, porque chamavam minha atenção e não sobrava muito tempo para mais nada”, diz. Mesmo assim, até o nascimento de Eduardo, em janeiro de 2015, a ex-atleta viveu uma montanha-russa de emoções. Ela se sentia forte para lutar e ver o bebê crescer. Ao mesmo tempo, pensava na possibilidade de não resistir. “Tinha medo de meu filho ter sequelas e eu não estar por perto para cuidar”, confessa.

MAIS TENSÃO

O parto também foi muito complicado. Sol teve pré-eclampsia, vômitos e ansiedade, e sua pressão baixou e subiu várias vezes no mesmo dia. Além disso, Dudu, como carinhosamente se refere ao filho,

passou da hora de nascer e precisou ser retirado com fórceps, o que causou alguns ferimentos nele. “Eu tive muito medo. Pensei que ele não resistiria e não escutava o choro, isso me deixou em pânico total. Foi a maior emoção do mundo quando finalmente o colocaram nos meus braços”, conta.

Passado o susto, Sol voltou ao tratamento quimioterápico. E apenas três meses após o nascimento de Dudu, recebeu a notícia que tanto esperava: o câncer estava em remissão. O menino não teve sequelas. Mas, com 2 anos, foi diagnosticado com autismo e Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), duas condições que também estão presentes em Sol e foram descobertas somente em 2018 e 2019, respectivamente.

Oito anos após o turbilhão de acontecimentos, a vida da ex-campeã de fisiculturismo começou a mudar radicalmente. Hoje, ela trabalha como nutricionista e *personal trainer* e também é influenciadora digital, dando dicas de beleza, moda e *fitness*. “Ofereço atendimento especial para pacientes oncológicos durante e após o tratamento do câncer. O modo de enxergar a vida é diferente. A gente amadurece e começa a dar importância ao que verdadeiramente tem valor”, finaliza Sol, que faz exames a cada seis meses para monitorar uma possível recidiva do carcinoma hepatocelular. ■

PROIBIDO POR LEI

Em abril, o Conselho Federal de Medicina (CFM) proibiu a prescrição por médicos de esteroides androgênicos e anabolizantes com fins estéticos, ganho de massa muscular e melhora do desempenho esportivo. A decisão foi tomada depois que seis sociedades médicas divulgaram carta pedindo ao órgão que votasse uma regulamentação sobre o uso das substâncias com esses objetivos. As entidades afirmaram estar preocupadas com o aumento no número de casos de complicações devido à utilização indevida dos produtos.

Segundo o oncologista clínico e PhD Luiz Eduardo Werneck, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Cancerologia, alguns hormônios, como a oxandrolona – um dos que Sol Meneghini usou em conjunto com o stanozolol – têm efeito muito danoso sobre o fígado. “O problema está no uso pela população em geral, como ‘atletas de fim de semana’, frequentadores de academia ou aqueles em busca de um alto padrão de beleza, não entre atletas profissionais, cujas



federações são bem rigorosas quanto às substâncias que podem ser consumidas. Temos relatos de pacientes que desenvolveram câncer e também outras doenças hepáticas”, conta Werneck.

O médico explica que o fígado é o órgão mais afetado, porque é ele que metaboliza grande parte dessas substâncias. Quando usados em doses não adequadas, esses compostos sobrecarregam o fígado, que não consegue fazer a filtragem necessária. De acordo com o médico, um ex-atleta que tenha usado esses hormônios de forma indiscriminada, antes do controle das federações esportivas, e, bem recentemente, da resolução do CFM, corre maior risco de desenvolver câncer hepático.